

COMO JAMAIS LER LITERATURA NA ESCOLA?

Anderson Da Silva Ribeiro (UERJ)
anderson_sribeiro@hotmail.com

O título é provocação para desafiar profissionais que se dedicam à formação de leitores. Desde 2008, quando ingressei como professor de português da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro e como aluno do mestrado em linguística aplicada na Universidade Federal do Rio de Janeiro, pude, por ambas as direções, desenvolver, de maneira oportuna, um olhar cuidadoso sobre a política de leitura no Brasil. Para suprir as lacunas de analfabetismo funcional apresentadas pela escola básica, desenvolvo, com um grupo de professores, o projeto “Orientação de letramento(s) e construção de percursos de leitura de jovens e adultos nos Ensinos Fundamental e Médio: o protagonismo do sujeito-leitor na constituição dos sentido” (CAPES). O objetivo é apresentar condições pedagógicas para que os participantes se tornem, com a direção do professor-pesquisador, "agentes letradores". Para isso, utilizo-me da prática da contação de histórias como estratégia. Narrar histórias é uma prática discursiva imemorable. Atravessou tempos, cruzou épocas milenares importantes do pensamento humano, testemunhou mandos, desmandos e epopeias diversas no canto de povos guerreiros e chegou ao século XXI com o peso da tradição e o frescor de uma atividade encantadora que seduz e concentra para si as mais diferentes atenções. Na presente comunicação, dentro de uma perspectiva etnográfica (ANDRÉ, 2008), pretendo, a partir do que se esboçou, apresentar as experiências, na segunda etapa do projeto, em 2012, registradas a respeito dos percursos de leitura feitos por meus alunos no Colégio Estadual Maria de Lourdes de Oliveira Lavôr – Tia Lavôr, na Ilha do Governador (RJ), onde atuo diretamente com o projeto. Quanto à base teórica, sirvo-me de um amplo aparato que trata de leitura (RIBEIRO, 2011), construção de sentido (KOCH, 2003), interação (BAKHTIN, 2003; 2004), dialogismo (BAKHTIN, 2008) e letramento (COSSON, 2006; KLEIMAN, 1995).